

A cena passa-se num casarão escuro que no tempo se chamava caserna; camas dum e outro lado; prateleiras occupadas com malas, embrulhos, etc., a toda a volta do enorme compartimento. Duas mesas escanceladas ao centro. Uns prõesos dormem outros com as pernas a sair pelos pés das camas, estas em constante mexer de braços. (Para boa comprehensão de tudo isto, tão estranho e bizarro hoje, a conselho de conselheiros, novamente a consulta a leitura dos estudos etnográficos da época, etc., etc..)

Bêbé de 28 annos (aos pés da cama)

(Cantando) Querido deus esse nome ...

Burico

(Sentado à mesa com um pau na mão e dando uma violenta patelada nos pés da cama mais próxima, levantando-se)

Vai pro cavallo mais a conversa! Deus

me este gajo com esta cantilena, hein?

Toneca

(Despertando e esfregando-se, canta) Aídro
bin, aídro bin...

Major

(Estendido na cama, atirando o "Noticias" pa-
ra o lado, canta) A burra da cooperativa
deu um coice no telhado... Ai pórra,
pórra, cavallo e merda! (Levanta-se)

(A um canto da caserna dois prões questio-
nam acaloradamente. Ouvem-se frases destas:
Foi Marx! Não foi, foi Badumine! Já te disse
que não! Já te disse que sim! Foi Marx!
Foi Badumine!...)

Ouve-se abrir a porta. Movimento de fe-
chos e fechaduras. Todos os prões olham na
sua direcção. Entram de soldado carregados
de malas e embrulhos, Gargaloz, Maga-
lhães, Barroso, etc... Os prões presentes
rodiciam - nos fazendo-lhes perguntas várias.
Castro (esfregando os olhos) Isto é formidável!
Que do que angria!

No. 2105

Gargaloz

(Sem pensar a mala, assarapantado, o chapéu mal
posto na cabeça)

Ah!... Oh! Magalhães bês aquilo? (a
porta um prão a fazer ruído)

Barroso

(Aliviando a carga) Agora bebia uma tige-
la de binho verde. Que sede!

Magalhães

(Pensando a mala dirige-se ao curico) O com-
panheiro não há aqui onde se cage?

Curico

(Pegando na mão de Mag. Farrasta-o para a
retrete) É ali, vês? Não te esqueças de pôr de-
pois auga, hein?

(Ferrão aproveitando o boborinho vai sur-
ripinar um cigarro ao Toneca. Este surpreen-
de e

Toneca

Não pueram ver este gajo a palmar -
- me o tabaco?

Ferrão

Eh! Já doido! Era a ver a marca.

(Continua a disputa ao fundo da caserna:
A A.T.T. é a autêntica internacional dos trabalha-
dores! A genuína é a Sindical Vermelha!

Noberto

(Apontando Magalhães)

É pá donde és tu?

Magalhães

Sou do Puerto. É voçê?

Noberto

São de Leisboa. És capintêro

Magalhães

Não. Sou pedreiro.

Noberto (Voltando-se para o Curico
rico que ainda dum lado para o outro girando-se). É pá isto é que são bonzinhos!
Aqui o Magalhães... É limpinho!

Curico

Eu já entim subei que iam ter cá
gajada dos lados de Campanhã...

Ms. 2105

Noberto

(Filando Gargalaz)

Ove lá: no Poto há muitos chóvicos?

Gargalaz

Nem por isso, come-se pouca carne de pôr

Noberto

(Mindo a bandeiras despregadas)

Não é carne de pôrco, antónio. É gatuños!

Gargalaz

Ah! gatuños há alguns. Agora lá no Alju
he tibe até ocasião de conhecer o Le de l'Alju
tor, a Micas das Antas, três chamados Leisboas
o Bairro Alto, o Trabucetas...

Noberto (atalhando)

Já vejo que são quasi todos do Sul. És mui
to reimadio men Gargalaz! É como esta
mos por lá de homo sexuais? Não os há
por lá?

Gargalaz (Energico e a modos
de zangado) Felizmente são todos! Todos os
homens do Puerto são sexuais!

Noberto (dando palmadas na bas-
ta barriga e gargalhando)

Não é isso pá! Se há panelêros é o que eu perguntei!

Gargalar
Nessa fazenda há por lá alguns biridos de leirbous.

Roberto
Que tás a dizer pá!

Gargalar
Nem pá nem picaveta, não disse nada disso.

Curico
Tá isto transformado y um cravoêro ro, hein? Parecem pixêras no mercado.

Castro
Que é isso de pixêras - ó canavadas?

Curico
Pixêras? Ai qu'anjinho! Este número não sabe o que são pixêras! (Pi e anda d'um lado para o outro a fadista. Parando voltado para Castro) Sabes o que são pickelêros?

Castro
Canalizadores em leirbous.

Ms 2105

Roberto
Esta malta é da terra do cardo e da broua
Ah! Ah!

Castro
É bó da terra das taufas e da madêra. Ah!

Roberto (que postou da piada)
Venha cá essa mão calosa, ó Magalhães! (Cumprimentaram-se e abraçaram-se. Curico fez outro tanto com Gargalar. Os restantes seguem-os) Isto é impinho, gajado.

Fim do 1.º acto e respectiva
sêna Boi repentinamente o parvo se encaixou mas não caiem cabeças lhos.

2.º Acto

Na mesma casa escura e bafeien ta. Em frente à porta, no chão, o tabolei ro do rancho. Alguns pêros, à mesa, conveni. Gargalar e Magalhães.

têm à sua frente, nos pratos autênticos cas-
telos de batatas, que continuam a amontoar.

Roberto

(Dirigido-se a Gar. e Mag.) Vê-se mesmo
que sois pedreiros. Ides reproduzir a Torre
dos Belénigos com batatas? Isto é que são bair-
ristas, rapazes! Até comem monumentos
tripeiros ao almoço! (Enche um tachão de
batatas e...) Isto é para dois. Como
vêm é limpinho (cantavola a sua can-
ção favorita) "Quem te deu esse nome..."

Toda a gente frita Garg. e Mag. que
comem sossegadamente.

Gargalax

Que Bão Magalhães!

Magalhães

(Mastigando) É... É...

Ferrão (endo, em voz alta o jornal)

"Melizou-se ontem no terreno o esperado encon-
tro entre o F. Club do Porto e o Benfica, ganhando
este brilhantemente ao club portenho. O jogo
tênis-de milhares milhares de pessoas - ao no-

tar a crescente superioridade do Benfica como¹¹
con a manifestar-se ruidosamente, insultan-
do os jogadores lisboetas. (Da, indignado, um
safarião ao jornal e exclama:)

Que ruído!

Gargalax

(Que ~~assaltava~~ ~~purera~~ o ouvido à escuras
logo que ouvira falar de ~~o~~ foot-ball)

ilusão há engano? O Porto é
o melhor team português e a prova é
que ganhou aos espanhóis depois de
les terem transformado em leisboas
o Benfica em Malfica. O Porto!
Aquilo é qui é jogar! Que conjun-
to! Ele é o Baldemar, é o Pingu, é
o Abano Pereira... ilusão há engano?

(Ao fundo continua, mais acalorada,
a discussão ideológica: Marx diz no
"Manifesto" que a concentração capitalis-
ta... Propo-thine afirma na "Conquis-
ta do Tão" que os progressos industriais
Porto (Indo para o Mag em
actitude conica-provocadora faz exerci

nos de box atingindo levemente Major.

Major

à sacana!

Curico

(Assaltando com mais ardo)

Sacana é a côna da tua irmã (Prega-
-lhe um directo no estômago).

(Major levanta-se, corre sobre Curico;
êste foge surraticamente, fazendo cabri-
las por cima das camas que vai pon-
do em sentido. Major desiste de o apre-
nhar e...)

Não perdes pela demora!

Magalhães (depois de devorar a
pratoada amiguada das vezes acrescentada,
levanta-se, desaferta as calças e vai
directo à retrete. Está, porém, ocupada
e ele volta, muito atapalhado, indo de
momento a momento espreitar)

O cão parheiro: ão de depressinha

que estou a sofrer!

Roberto (espreita para a retrete)

Gajada! o Leibânio está na pia!

Coga no chapéu, o Magalhães!

Gargalaz

O que é isso de pia, é amigo Roberto!

Roberto

É apito que lá enuncina chamais caga
dêra

Gargalaz

Perdões: não chamamos letrina.

Roberto

(atalhando)

Letrina

Gargalaz

Não. Letrina, casinha, necessária e tam-
bém sabemos dizer retrete. Não há en-
gano, amigo Roberto...

Roberto

Ove lá: Tu pertences aos Vombeiros (Zolun-
tários da Subicta?



Gargalaz

Não, pertence aos Voluntários da Arçosa.

Norberto (chamando Curico)

Aqui o Gargalaz é um bom exemplar: é dos Voluntários do Areal, digo da Arçosa. (Miem os dois a bom riso).

Ove: recebi uma carta do Artur em que me diz que foi expulso do Arsenal mais o Bernardino.

Curico

Côças de vinho! Esses gajos passam o tempo no craveiro. Se não fosse o tié do Artur que trabalha no riú os filhos deles já teriam morrido de fome e frúe.

Norberto (Para Magalhães que continua à brocha, com as calças nas mãos, o cinto ao ombro) Lá em cima come-se muita dobrada, heim?

Magalhães (Dobrando-se, torcendo-se) Dobrada?

Curico

Sim aquela coisa a que chamais tripas.

Gargalaz

Ah, tripas comem-se de longe em longe.

Norberto

Com chóvico e enôra.

Magalhães (Muito à brocha)

E feijão!

Curico

Por falar em feijão: lá para o Norte chama-se vagem ao feijão carrapato.

Castro

E bós feijão carrapato à vagem.

Norberto

E aloquete ao cadeado

Castro

E bós cadeado ao aloquete

Curico

E repucho ao ponsão



Castro

E bôs pousas ao repuecho

Enrico

E capataes ao pargo

Castro

E bôs parbos aos capataes

Enrico

E... cõra da mãi! (Varrendo a
praça fange que dá bofetadas, ~~grit~~ gri-
tando) Pás, pás!

Roberto (Mecanizado os ânimos, ~~batendo~~
batendo no ombro do Gargalaz)

Mas isto é gajada fixe. Rodia 7 de
Fevereiro até as miaravilhas. pega-
ram em amias!

Gargalaz

E no 1.º de Maio de 32? Toda a gen-
te beio à rua. Ninguém trava-

lhou. Aquilo é que foi! (17)

Roberto

O que é pãra é que haja... tanta mer-
da lá pelas ruas.

Gargalaz

Isso é em Lisboa. Uma bês o meu
pai foi à capital e ao passar numa rua
do Alto Bairro achou um embulho
muito bem apresentado, com uma fiti-
nha cõr de rosa... ~~o~~ Olhou
para todos os lados e como ninguém
bisse pegou nele e meteu debaixo do
sobretudo. Ao chegar ao hotel, que se
não me engano chamava-se Hotel
Pinho, foi às escondidas ber o que
era. Gargalaz-lhe visse bõa mas qual
não foi o seu espanto quando bic
que era um embulho... de mer-
da.

— Roberto, Enrico e os demais

presentes rebolam-se, riudo-se a
doni rir.

Gargalaz

Mas esperai. No Porto aconteceu
coisa melhor a um liberto mangue-
la de Leisboa. No tempo em que
os labradores iam buscar a merda
às casas (agora há uns camiões
com mangueiras, coisa fina!) um
Arthur Lisboa viu, ainda de ma-
nhãzinha, um carro de bois à por-
ta duma taberna. Os miocos tinham
entrado a matar o bicho. Ora o man-
quela, que já estava com sede, ^{tirou} ~~pegou~~
do bolso uma berrunga de pele an-
daba sempre murchado para o que
desse e biesse e zã, meteu um
furo a pipa e a boca ao furo a
bocando um esguicho de água
da coba! Aquilo é que foi!

